

## ENSINO DA GRAMÁTICA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL

*Claudia Bernardo* (UEMS)

[Claudia\\_ivi@hotmail.com](mailto:Claudia_ivi@hotmail.com)

*Mislene Ferreira Cabriotti* (UEMS)

[mislenefc@hotmail.com](mailto:mislenefc@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

### RESUMO

O referido artigo trata a respeito das dúvidas e incertezas sobre o ensino da gramática, visto que muitos questionamentos surgem em torno deste processo de ensino aprendizagem. Enquanto experiência diária em sala de aula muitas indagações vão de encontro a uma realidade ideológica vivenciada enquanto experiência acadêmica. Com vistas a essa problemática e sem a pretensão de uma total resolução do problema, mas com a intencionalidade de acertar o caminho, vamos discorrer neste trabalho sobre qual a melhor forma de se ensinar a gramática, sendo assim apresentaremos uma possível prática para o ensino de análise linguística. Para elucidar a parte teórica deste artigo, nos basearemos especialmente em Possenti (2000), Leffa (1996) e Geraldini (2004).

**Palavras-chave:** Ensino da gramática. Prática. Ensino. Aprendizagem.

### 1. *Introdução*

Não é de hoje que o ensino da língua tem gerado algumas polêmicas, mais especificamente no que diz respeito ao ensino da gramática.

Começemos com algumas indagações sobre o que norteia o trabalho que sustenta a prática docente. Devemos abandonar a prática de se trabalhar as normas gramaticais na escola? Qual a relevância do ensino de gramática? É garantida ao aluno, que conhece as regras gramaticais, a excelência no desenvolvimento do texto? A formação acadêmica atual do professor de língua portuguesa garante ao mesmo uma prática que delibere ao seu futuro discente uma efetiva aprendizagem, que faça sentido ao aluno enquanto produtor de texto?

Como se percebe são inúmeras as indagações que envolvem a questão do ensino da gramática nas escolas e os anseios de professores que querem realizar um trabalho de efetiva valia, mas que se veem numa dicotomia que ora os deixam seguros sobre o ensino da gramática, ora observam todas as formas didáticas que lhes foram apreoadas, todo purismo de seu percurso de estudantes, seja de ensino básico ou médio, en-

redar por descaminhos.

Com vistas a essa problemática e sem a pretensão de uma total resolução do problema, mas com a intencionalidade de acertar o caminho, vamos discorrer neste trabalho sobre qual a melhor forma de se ensinar a gramática.

Todos se questionam sobre como ensinar a gramática e como alcançar êxito no processo de ensino aprendizagem da língua. Desse modo, o ensino ou volta-se para a gramática normativa, em sua perspectiva prescritiva e analítica, que não dá conta do sentido e nem resolve o problema da leitura e da escrita; ou tenta-se um rompimento com esse ensino, utilizando o texto como pretexto para estudar adjuntos, pronomes, classificar sujeito etc. Dúvidas e mais dúvidas que vão de encontro a uma realidade totalmente diferente das teorias acadêmicas que vivenciamos quando ainda cursamos a universidade, pois temos sonhos teóricos de que com uma simples atividade iremos alcançar os resultados esperados, mas a realidade é uma escola com infinitos problemas de estrutura, comportamento, aprendizagem... e que o professor precisa se adequar e encontrar meios de que o processo ensino aprendizagem realmente ocorra.

## **2. Gramáticas**

Começemos por considerar as diferentes definições. Possenti cita em seu livro três tipos de gramáticas: a normativa, a descritiva e internalizada. Conheçamos um pouco sobre o que o autor define sobre cada uma delas.

A gramática normativa é a mais utilizada em livros didáticos é a que tem por definição “Conjunto de regras que devem ser seguidas”. Esta é a que determina a variedade padrão ou norma de prestígio, a mesma trabalha com a nomenclatura, a forma estrutural da frase, oração e período é também conhecida por gramática prescritiva.

A segunda, gramática descrita, tem, como cita Possenti por definição conjunto de regras que são seguidas. Tem como objetivo explicar, avaliar as formas que são seguidas, utilizadas pelos falantes, tem como ponto de partida a língua em uso, para que fique mais claro, Possenti cita algumas diferenças entre a gramática normativa e a descritiva.

Na gramática normativa possui algumas regras que se encontram nos compêndios gramaticais, mas que não são efetivamente utilizadas na

língua falada, até pode ocorrer na escrita. Exemplos:

As segundas pessoas do plural que encontramos nas gramáticas desaparecem (vós fostes, vós ireis etc.). Desaparece tanto a forma verbal como o pronome, diz-se então. ‘Vocês foram’, ‘vocês iriam’.

Os futuros sintéticos é outro exemplo de Possenti, pois são expressos por locuções. Exemplo: Ao invés de utilizar sairei, dormirei se utiliza vou sair, vou dormir.

Também pouco se utiliza o pretérito mais que perfeito simples, fora, dormira, mas, tinha ido, tinha dormido etc.

Ao citar o verbo pôr no contraste de uso entre ‘eles puseram,’ ‘eles pusero’ e ‘eles pôs’, o gramático descritivista não está preocupado em apontar erros, mas considera a utilização das mesmas por pessoas de diferentes grupos sociais, ou pelas mesmas pessoas em situações diferentes, havendo resistência as formas ‘eles pusero’ e ‘eles pôs’ porque não são formas utilizadas pelas pessoas cultas, percebendo-se que o critério de correção não é linguístico, mas social.

Por último, Possenti cita a gramática internalizada – conjunto de regras que o falante domina. E ainda que nem sempre se percebe concordância ou conjugações de verbo adequada de acordo com a norma padrão, não se pode dizer que a criança está proferindo outra língua que não a língua portuguesa. Importante ressaltar, a partir de erros devemos considerar que muitas vezes por conta do erro um cérebro é considerado normal e autônomo. Surpreendentes? Vejamos: Os desvios clássicos observados nas crianças em formação como – ‘eu sabo’, ‘eu cabo’, ‘eu fa-zi’, ‘ele iu’ etc. O que ocorre é uma regularização verbal de formas irregulares, que a criança por conhecer a maioria dos verbos regulares faz adaptações, isso não significa que a criança tenha escutado formas assim, o que até é possível, mas não obrigado e sim que a criança tirou suas próprias conclusões o que demonstra não ser passiva.

Por que então rememorar diferentes tipos de gramática? Para deixar claro que o que pretendemos nesse texto é tratarmos sobre a gramática padrão, ou seja a dita norma de prestígio.

O grande desafio para o professor de língua é estar diante de uma clientela que deve estar apta para ler, compreender, escrever e ter um bom domínio da oralidade. O que gera uma imensa responsabilidade, considerando extremamente curto o tempo destinado ao ensino da língua, bom, mas deixemos essa problemática para uma outra discussão.

O professor em sua formação, ressalva, não se pretende aqui generalizar, mas o que se tem presenciado são pessoas descontentes com o seu nível de formação, pois nos são determinado para que trabalhemos a gramática, sem que essa seja o carro-chefe do ensino de língua, e que a mesma seja trabalhada de forma contextualizada e não mais de maneira puramente estrutural, como era o ensino da gramática, mas também não se pretende que se trabalhe o texto como pretexto para se trabalhar questões gramaticais?

Dessa maneira o professor se vê diante de uma berlinda, sem saber como trabalhar o ensino da gramática como uma das frentes de ensino da língua.

### **3. Desafios**

O professor de língua portuguesa se depara com a tarefa de ensinar a língua aos falantes dessa mesma língua, segundo Possenti (1998, p. 31), “nem todos sabem tudo, mas todos sabem muito”. Adolescentes não compreendem tantas regras e exceções, pois são de ambientes e grupos que utilizam a língua falada de forma bastante variável. Estes se deparam com a dificuldade da língua escrita e tratam com estranheza, pois até encaram a língua portuguesa como uma vilã do ambiente escolar. O que os estudantes não entendem é que já sabem a língua portuguesa e que precisam adequar o que sabem as normas da língua escrita. Tudo o que se revela tradicional e fora do ambiente vivido, não é receptivo ao estudante. Busca-se algo dinâmico que acompanhe a velocidade do mundo moderno, atividades maçantes que não saem do caderno e do livro didático não atraem o interesse e atenção, apenas dificultam a aprendizagem e o relacionamento entre professores e alunos.

Tantos questionamentos e a grande incerteza, será que o processo ensino aprendizagem realmente está ocorrendo, pois, como pondera Travaglia (2002, p. 17), “a forma como o professor de língua concebe a linguagem vai determinar sua forma de trabalhar a gramática em sala de aula. É a conjunção dessas concepções que vai sustentar a prática docente e dar sentido ao seu trabalho”.

O ambiente que antecede o período escolar é de suma importância em relação à prática da leitura e escrita. O universo da leitura é apresentado à criança através de revistas, livros, jornais, histórias contadas...e esta leitura de mundo é muito importante antes de seu ingresso na escola,

pois esta verá como uma continuação de suas descobertas antes de conhecer as palavras e ser um verdadeiro leitor, sendo capaz de associar a leitura a aspectos do dia a dia, tratando de forma crítica e reconhecendo-se como um ser social capaz de transformações. Segundo Bakhtin (1996, p. 85), “O essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular”.

Já o estudante que viveu em um mundo sem o contato efetivo com a leitura só vai iniciar essa prática na escola. Desta forma, cabe aos educadores a importante missão de incentivarem a leitura e apresentarem a escrita de forma dinâmica, a fim de possibilitar o desenvolvimento de habilidades fundamentais no processo ensino-aprendizagem. O ambiente escolar também é muito importante, pois este necessita ter livros que sejam oferecidos aos estudantes, livros que sejam organizados, para que percebam o valor que estes possuem, e que os livros devem ser manipulados de forma a preservá-los para que todos possam ter a oportunidade de utilizá-los e absorver todo o conhecimento que estes possam proporcionar.

Para Carvalho (2005, p. 67), “O gosto pela leitura pode ser cultivado desde a alfabetização. Atividades bem selecionadas mostram aos estudantes que existe relação efetiva entre o conhecimento que possuem e o conhecimento passado pela escola”, devem perceber o quanto a leitura e escrita são importantes para sua vida prática, seja para auxiliá-lo em seu cotidiano ou transportá-lo aos mais diferentes locais imaginários, despertando sua criatividade e percepção do mundo.

Silva (1995, p. 53) nos mostra que “a promoção da leitura e escrita nas escolas é de responsabilidade de todo corpo docente e não apenas dos professores de língua portuguesa”. Para Míguez (2009, p. 17) “Sabemos que compete à escola a tarefa formal de ensinar a ler e a escrever e que de uma forma geral, esta ação escolar nem sempre se realiza de forma satisfatória.” Desta forma é necessário analisar algumas condutas adotadas em escolas tradicionais que ensinam de forma descontextualizada, levando o estudante a crer que o mundo escolar é algo fora da realidade em que vive. Bakhtin (1986, p. 113) descreve a linguagem sob a perspectiva de “ponte lançada entre o homem e o outro homem”. Segundo ele, é através da palavra que a pessoa se define em relação ao outro e à coletividade.

Travaglia (2002, p. 16), pondera que “o ensino de gramática seja

pertinente para a vida e possibilite que a pessoa viva melhor por conseguir veicular por meio da língua os significados e sentidos daquilo que chega até ela e de que forma chegam, sendo capaz de perceber estratégias argumentativas, significativas e de relação social e cultural concretizadas no dizer”. Para o referido autor, é importante que a pessoa consiga se colocar como sujeito nas relações sociais, bem como utilize a língua para a consecução de seus objetivos. De acordo com as *Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa* (p. 37), “abandonando-se o formalismo gramatical, o texto será instrumento privilegiado no ensino de língua na medida em que ele é, de fato, a manifestação viva da linguagem.” Nesse sentido, até mesmo o ensino dos aspectos normativos estariam subordinados às atividades textuais de forma que as regras gramaticais não seriam mais aplicadas por meio de frases soltas, abstraídas de contexto, mas numa perspectiva de funcionalidade gramatical.

#### **4. Sugestão para a sala de aula**

Refletindo sobre todos os aspectos citados e buscando inserir e despertar o gosto pela leitura e escrita aplicou-se a seguinte atividade:

Projeto Chapeuzinho Vermelho

Produção de texto: Releitura do conto Chapeuzinho Vermelho

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º Ano do Ensino Fundamental

Duração: 6 aulas

Horário: Vespertino

Objetivos:

- Verificar a ampliação gradativamente das possibilidades de comunicação e expressão, participando de diversas situações de intercâmbio social, nas quais possa contar com suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas.
- Valorizar a língua como veículo de comunicação e expressão das pessoas, abrangendo o desenvolvimento da linguagem, da leitura e da escrita.
- Refletir sobre os princípios éticos, morais e culturais apresentados no vídeo, interligando-os com a realidade atual, desenvolvendo a

habilidade da argumentação;

- Estimular a percepção dos alunos quanto à intertextualidade presente no filme que eles irão assistir;
- Reconhecer a existência de intertextualidade nas atividades propostas e reconhecer o texto original de cada intertextualidade.
- Estudo da ortografia e alguns aspectos gramaticais.

Título do vídeo ou filme: “Chapeuzinho Vermelho” e “Deu a Louca na Chapeuzinho”.

As atividades foram desenvolvidas através do roteiro abaixo:

- \* Levamos para a sala livros deste portador textual, bem como cópias de textos com versões da história da Chapeuzinho Vermelho; Realizamos as leituras e contextualizamos, discutindo cada versão e a intenção do autor;
- \* Ouvimos uma versão da história em CD;
- \* Assistimos ao DVD “Deu a louca na Chapeuzinho”;
- \* Roda de conversa para comentar e comparar a história do filme com as outras versões estudadas;
- \* Listaram os personagens e caracterizaram, comparando com cada história
- \* Atividades na STE (sala de tecnologia educacional); os estudantes foram divididos em grupos e juntos produziram uma nova versão para a história de Chapeuzinho;
- \* Após a atividade de produção realizamos a leitura dos textos produzidos.
- \* Houve uma troca de textos e cada grupo analisou o texto um do outro; buscando adequá-lo as normas da língua escrita;
- \* Analisaram e apontaram possíveis mudanças (discutiram entre o grupo);
- \* Analisaram a ortografia, pontuação, adequação da linguagem, concordância;

Recursos: livros, cópias de textos, CD da história “Chapeuzinho Vermelho”, DVD “Deu a Louca na Chapeuzinho”, data show, televisão e

DVD.

Forma de avaliar o aproveitamento dos estudantes: foram avaliados no desempenho das habilidades e competências utilizadas nas atividades escritas e orais.

Compartilhamento do projeto em ação:

Trabalhar com histórias infantis é algo surpreendente, pois não devemos enxergá-las como simples histórias para crianças, sendo estas excelentes contribuintes para o desenvolvimento crítico de nossos alunos, bem como criatividade e observação. Foi muito legal desenvolver este trabalho e consegui muitos resultados, entre eles desenvolver ótimas produções de texto, amei as produções desenvolvidas por eles na STE, trabalharam em grupo e se sentiram satisfeitos e viram resultados do trabalho, além é claro, de nossas discussões sobre vários assuntos relacionados as histórias da Chapeuzinho que comparamos. Puderam perceber o quanto o conhecimento gramatical foi importante, pois através dele puderam organizar seus textos e torna-los mais atrativos ao leitor.

Para Leffa (1996, p. 14), “O mesmo texto pode provocar em cada leitor e mesmo em cada leitura uma visão diferente da realidade.” Desta forma o professor deve ser um mediador, proporcionando momentos de leitura em que os estudantes, ainda inexperientes com a leitura, possam interagir com grupo, trocar experiências e vivenciar o texto, apreciando e interagindo com o conhecimento de mundo que possuem. Segundo Leffa (1996, p. 15),

a riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto, mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor.

Ao realizar a leitura deve-se estabelecer uma conexão entre leitor e texto, o texto se torna parte da realidade e fantasia do leitor. Ler é muito além de decodificar códigos, é viajar entre as linhas e entrelinhas do texto.

## **5. Considerações finais**

É importante ressaltarmos aqui, que em momento algum nos dispomos contra a utilização da gramática na escola. Mas a busca da maneira adequada de se trabalha-la.

O que se tem percebido é uma distorção quanto ao ensino da gramática, situações em que se observa o texto como pretexto para o ensino das normas gramaticais. Vê-se de maneira corrente em livros didáticos a utilização de textos como ponto de partida para questões que valorizam exercícios gramaticais, deixando clara a intencionalidade da utilização do texto, muitas vezes puramente para avaliar ensinamentos gramaticais, muitas vezes sem valorizar questões do tipo interpretativas.

O correto aí seria valorizar a potencialidade de bons textos, literários, informativos, para que o aluno desenvolva habilidades como ler, entender, contribuir, interagir, para uma leitura que construa saberes, de forma que o aluno possa ser autor do seu próprio conhecimento.

Não condenemos, contudo, professores que durante sua formação acadêmica escuta que não se deve ensinar a gramática de forma desconcontextualizada, mas que em muitos casos não lhes mostram como deve fazer. Deixando que sua prática, diante de erros e acertos lhe norteie sobre a forma correta do ensino da gramática.

Devemos considerar, contudo, as práticas linguísticas trazidas pelos alunos para o âmbito escolar, desconsiderar o que o aluno conhece é o mesmo que excluí-lo, da sociedade da qual faz parte.

O ensino da gramática com o fim nela mesma, não é válido, ensinar a gramática, utilizando frases soltas que não fazem sentido algum não terá valia para o aprendiz. Isso por si só não garante que a criança desenvolva habilidades de escrever bem, adequadamente, observando a situação, reconhecendo a adequação linguística, para os fins a que se destina a escrita.

Ao invés disso consideramos outras coisas mais importantes, desistindo mais tempo para essas atividades, entretanto não esquecendo que se aliadas ao ensino da gramática, pode sim ter um resultado positivo.

Sugerir leituras, ler e reconhecer diferentes tipos e gêneros textuais, produção de textos, refacção, trabalhar a oralidade, não apenas a oralização de textos. De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, temos:

Um dos aspectos fundamentais da prática de análise linguística é a refacção dos textos produzidos pelos alunos. Tomando como ponto de partida o texto produzido pelo aluno, o professor pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua. (PCN, 1998, p. 80)

Trabalhar a gramática a partir de observações dos erros mais frequentes dos alunos surte mais efeito do que trabalhar a nomenclatura de termos que não fazem sentido para eles e que não garante um bom desenvolvimento enquanto leitor, tão pouco produtor de textos.

Por fim, dar valor ao que o aluno já conhece, afinal de contas é a língua materna que se ensina, a criança já chega sabendo muito, o que se tem é que moldar, lapidar o conhecimento do aluno.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad.: M. La-hud e Y. F. Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, João Wanderley et al. *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1996.

MIGUEZ, Fátima. *Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula*. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola?* Campinas: ALD/Mercado de Letras, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º grau*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2002.